



## PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL COMO EXPANSÃO DE PERSPECTIVAS NO APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA

Marília Cândido Jacomini <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo traz uma reflexão acerca de uma aula on-line em inglês e os benefícios do letramento digital no retorno às aulas presenciais, considerando para isto, uma aula específica de conversação on-line na plataforma *Google Meet*, com alunos de primeira série do ensino médio de uma escola particular no interior do estado de Goiás, com suporte de teóricos estudiosos de letramentos, tais como: Cope; Kalantzis, 2020; Monte Mór, 2017 e 2019; Ferraz, 2018; Signorini, 2020; Avelar; Freitas, 2020. Para tal análise, foram abordados o processo de letramento digital em que alunos e professores passaram no momento da pandemia durante o ensino remoto e as contribuições destes aprendizados para o retorno 100% presencial. Com estas reflexões foi possível constatar que a equipe escolar precisa continuar no processo de letramento digital, não esquecendo o que foi aprendido no período pandêmico, mas sim, continuar utilizando ferramentas digitais e desenvolvendo aulas com foco na construção de sentido, agência e autonomia dos alunos, e conseqüentemente expandido perspectivas para construção de si mesmos e da comunidade em que vivem.

**Palavras-chave:** letramento digital; aula on-line; ensino-aprendizagem; expansão de perspectivas.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma análise a partir de uma experiência que vivenciei, enquanto professora de língua inglesa, em uma escola particular, tentando se readaptar ao mundo da educação pós-pandemia<sup>2</sup>, com o retorno 100% presencial dos alunos às escolas. Como sou adepta às tecnologias, as aulas on-line me encantaram no momento em que todos estavam assustados. Quando a maioria dos professores não sabiam o que fazer, eu estava pronta para seguir no caminho on-line pelo tempo que fosse necessário. Por isso, com a volta do ensino presencial, criei um projeto intitulado “*Conversation Club*”, que, resumidamente, é um projeto no qual os alunos das turmas de primeira e segunda séries do ensino médio são divididos em

<sup>1</sup> Aluna Regular da Disciplina Estudo de Letramentos no Poslli da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Cora Coralina. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, pela Faculdade Araguaia. E-mail: mariliajacomini@hotmail.com

<sup>2</sup> Neste artigo, o termo pós-pandemia refere-se ao retorno 100% presencial dos alunos às escolas.



grupos menores (5 ou 6 integrantes) e retornam para o ambiente virtual no contraturno das aulas regulares. Assim, são disponibilizados 40 a 45 minutos para conversarem em inglês entre si, sob minha mediação. Os temas são escolhidos de acordo com a preferência do grupo, variando entre assuntos do livro utilizado em sala presencial ou mesmo temas do cotidiano.

Mas o que há de interessante em uma aula de conversação on-line de língua inglesa? O que pretendo neste artigo é levar o leitor a reflexão, a partir desta aula específica: Em um grupo da primeira série, dentre os 5 integrantes havia uma aluna que estava viajando para Paris, na França, no dia estipulado para a aula de conversação. Ela, como boa aluna que é, acessou o link do *Google Meet* para participar do momento. Minha reação foi de espanto ao perceber que ela havia entrado para a aula de conversação, mesmo estando tão distante e com o fuso horário tão diferente (ela estava 4 horas adiantadas em relação ao horário de Brasília). Pois bem, após a primeira surpresa, mudei o planejamento da aula e pedi que a aluna falasse um pouco sobre sua experiência naquela cidade/país. A partir deste momento, a simples aula de conversação transformou-se em uma conversa cultural.

Este *Conversation Club* levou-me a refletir sobre as práticas de interações no ambiente virtual. Será que uma aula com tamanha riqueza de interculturalidade em tempo real como esta, poderia ser realizada se não tivéssemos passado pelo traumático ano pandêmico de 2020? Aqui me refiro especificamente à educação, mas quantas interações virtuais não foram ampliadas no momento da pandemia e que persistiram no pós-pandemia? Será que os docentes que superaram as aulas virtuais/remotas, voltando para suas salas presenciais, estão preparados para utilizar os recursos digitais não só como práticas pedagógicas, mas também como ampliação dos letramentos/multiletramentos dos alunos?

Diante disso, este artigo tem como propósito analisar como as aulas remotas e o letramento digital contribuem para a ampliação das perspectivas dos alunos, além de motivá-los a desenvolverem a habilidade de comunicar-se em língua inglesa, por meio de aulas de conversação on-line.

Para tanto, este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro foi traçado um breve panorama das aulas remotas/virtuais no cotidiano escolar na educação básica. Em seguida, apresento as contribuições do letramento digital neste momento de pós-pandemia e por fim, as



discussões com base no meu relato e com suporte de teóricos estudiosos de letramentos, Com uma metodologia qualitativa buscarei ampliar as reflexões quanto ao uso de ferramentas digitais como meio para expandir conhecimento e possibilidade dos alunos (re)construírem suas identidades em suas respectivas comunidades.

## **AULAS REMOTAS/VIRTUAIS NO COTIDIANO ESCOLAR NO PERÍODO PANDÊMICO**

Se pensarmos no ambiente escolar antes da pandemia e após o retorno presencial, ficamos assustados mediante tantas transformações e quantos letramentos, a maioria dos professores e alunos foram submetidos neste período. O início de toda essa migração para o virtual se deu de forma súbita, o que conseqüentemente proporcionou desespero para muitos professores que não estavam tão conectados à tecnologia e também para aqueles que mesmo sendo conhecedores das ferramentas tecnológicas, não as utilizavam com tanto afinco no ambiente escolar. Os alunos também passaram por momentos de adaptações, uma vez que a maioria não estava acostumada com usos de ferramentas tecnológicas para simular a sala de aula tradicional. Mesmo sem saber muito bem que caminho seguir, as rotinas escolares mudaram... e os envolvidos no processo ensino e aprendizagem foram “obrigados” a se ajustarem ao novo perfil educacional para que não houvesse prejuízos maiores. As unidades escolares e equipes se adaptaram da forma que acharam mais viável dentro de suas comunidades e de suas práticas sociais, se adaptaram diante ao conhecido pela maior parte da comunidade, para depois explorar novos letramentos.

Signorini (2020, p. 59-60) traz três premissas sobre a escolarização e letramento:

A primeira é a de que a escolarização no Brasil contemporâneo ainda é o principal caminho de acesso dos grupos que estão na base da pirâmide social, isto é, a maioria da população [...]. A segunda premissa, decorrente da primeira, é a de que um dos fatores responsáveis pelo caráter complexo e desafiador do trabalho com a língua nessas condições está na redefinição da sala de aula como zona intersticial potencialmente relevante [...]. A terceira premissa é de ordem mais geral e fundamenta as anteriores: a da compreensão do letramento enquanto prática social e não apenas um conjunto individual de habilidade ou de capacidades psicocognitivas [...].

Isto posto, é importante entender que a escola ainda é a primeira forma para muitos alunos terem acesso a culturas e que quanto mais ampliamos as leituras, mais compreenderemos conteúdos que talvez não aprenderíamos antes com tanta facilidade. É válido ressaltar que não



foi possível deixar de lado a questão do letramento em momentos de ensino remoto, sendo que houve necessidade buscar mais aproximação entre os envolvidos no processo educacional; desenvolver novas formas de comunicação e conseqüentemente novos letramentos; e por fim, promover a interação, palavra-chave no ensino remoto. Dessa forma, se houve novas formas de aprender, também foram desenvolvidas novas práticas sociais.

O uso das ferramentas tecnológicas já era muito discutido anteriormente à 2020, teoricamente a escola já estaria preparada para estas ferramentas e os letramentos que são adquiridos a partir delas. Mas o fato é que a escola, em sentido geral, não estava preparada para tantas mudanças na prática

Avelar e Freitas (2020, p. 60), afirmam que

As tecnologias digitais, tais como os *tablets*, celulares, computadores dispõem de recursos que requerem dos seus interagentes novas práticas de linguagem, uma vez que, são necessárias diferentes habilidades de leitura e escrita. Assim, novos efeitos sociais e culturais são produzidos emergindo, portanto, a necessidade de se aprender a navegar por meio delas, desenvolver a autoria, identificar suas possibilidades, desenvolver novas práticas.

Diante disso, como mencionado anteriormente, percebemos que as escolas foram se adaptando com as ferramentas que estavam mais relacionadas às suas práticas sociais, reduzindo o impacto dos novos letramentos que seriam necessários com o uso de novos aparatos tecnológicos. Ou, pelo menos, partindo do conhecido para obter mais tempo para “aprender” outros instrumentos metodológicos importantes no cenário apresentado, tendo em vista que novas práticas de linguagem seriam necessárias para desvendar mais profundamente, os meios tecnológicos que docentes e discentes possuíam.

No período remoto foram desenvolvidos novos recursos e novas práticas. Mesmo em aulas que o professor não se comunicava ao vivo, os alunos estavam imersos em mais recursos semióticos do que na prática presencial, pois foram abordadas novas formas de leituras através de áudios, de imagens, de fotos, de vídeos. Tudo isso proporcionou mudanças que geraram novas vivências e novas experiências escolares e pessoais. O letramento digital esteve presente na maioria desses meios, por isso, houve avanços que não podem e não precisam ser esquecidos no retorno dos alunos às escolas físicas.



## LETRAMENTO DIGITAL E O PERÍODO PÓS-PANDEMIA

Após a primeira fase de adaptação, os ambientes escolares virtuais se mostraram mais atrativos para a maioria dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem. Consequentemente, emergem novos questionamentos no retorno presencial dos alunos aos ambientes escolares tradicionais e trago novamente a questão que fiz no início deste artigo: será que os docentes estão preparados para utilizar os recursos digitais não só como práticas pedagógicas, mas também como ampliação dos letramentos/multiletramentos dos alunos?

De acordo com Monte Mór, (2017, p. 9),

desse sistema eletrônico, desenvolvido e popularizado pelos conhecimentos da linguagem digital, emerge uma ‘nova’ cultura que opera de modo ampliado, por diversos meios de comunicação e também por diversificadas formas de interatividade. Nesse, a noção de linearidade passa a conviver com a não-linearidade vista nas leituras de hipertextos e nas interações em rede, por meio de uma ‘nova mídia’ descentralizada, um sistema organizado em função do uso de rede de computadores.

Voltar ao ensino presencial requer, mais uma vez, novos letramentos, novas perspectivas. É preciso que a escola perceba a importância de metodologias não-lineares perpassando por vários textos, metodologias e ferramentas para descobrir, mais uma vez, como alinhar o ensino presencial ao que foi aprendido no remoto, para que ensino e aprendizagem sejam realmente significativos e não meramente tradicionais, como se a pandemia não tivesse existido nas escolas. É preciso haver alinhamento e evoluir na construção do conhecimento.

Neste contexto, é importante considerar que o letramento digital vai além de saber utilizar uma ferramenta tecnológica, é sim, levar os alunos a refletir sobre seus conceitos, sobre sua comunidade, é ir além do senso comum e assim, expandir perspectivas. A partir disso é preciso refletir sobre este tema no ambiente escolar pós-pandêmico. Tanto alunos quanto professores que passaram pelos anos de 2020 e 2021 na escola, adquiriam conhecimentos digitais. É necessário, agora, refletir sobre como esse conhecimento pode causar impactos nas diversas áreas da vida, tornando-os não só conhecedores das ferramentas, mas sim, letrados digitais, agentes na transformação da comunidade em que vivem.

## METODOLOGIA





Os dados para esta análise partiram do relato de experiência do meu projeto de aulas de conversação, como já mencionado no início do artigo. As aulas acontecem em formato on-line através da plataforma do *Google Meet*, no contraturno de estudo dos alunos, por volta de 18:00 h.

A conversação aconteceu no ambiente on-line, pelo período de 1 (uma) hora, na qual estavam presentes 5 alunos da primeira série do Ensino Médio, a mãe de uma das estudantes e eu, professora. Por se tratar de conversação em inglês, a mãe também se comunicava em inglês, o que proporcionou o enriquecimento da aula.

Dentre os cinco alunos, uma, que tratarei como aluna X, estava viajando para a França com a família no dia do encontro. Como os colegas já sabiam dessa informação, aproveitaram o momento para questionarem e se expressarem livremente sobre suas dúvidas e curiosidades sobre os aspectos culturais relacionados à França, tais como comida, limpeza, roubos, comércio, entre outros. As respostas eram dadas pela aluna X e sua mãe, que respondiam de acordo com suas visões de turistas. Eu, enquanto professora, fiz a mediação necessária, mas deixei que a autonomia e a agência dos alunos se destacarem, não interferindo nas perguntas ou respostas, apenas quando solicitada para ajudar no vocabulário ou na formulação da pergunta.

Tendo em vista que “os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70), após a aula, elaborei um relato que embasou os dados para esta análise.

## ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Ao refletir sobre esta experiência, trago as contribuições de Walkyria Monte Mór (2020) sobre o conceito de *meaning making*, agência e autoria na construção de sentido no aprendizado da língua inglesa e também a expansão de perspectivas para a vivência dos alunos em questão.

Esta aula de conversação nos permite observar como os alunos tornam-se agentes no processo de ensino e aprendizagem. Ao perceberem que poderiam aprender muito com a colega que estava no exterior, eles mesmos se mostraram dispostos a ampliar seus conhecimentos, não poderiam perder a chance de aprender mais sobre aquele país. A aluna X que estava em sua



viagem no exterior, por sua vez, não deixou de compartilhar seus conhecimentos e suas visões enquanto turista.

Aqui, percebemos que o agente não é só quem está na condução do processo, ou seja, apenas o professor, neste contexto da educação. Estes papéis são compartilhados constantemente. Os alunos podem ter um papel mais ativo no processo de aprendizagem, na sua forma de lidar com a língua estrangeira. Durante esta aula, quando não sabiam o vocábulo em inglês, eles não paravam de se comunicar. Simplesmente, usavam outra palavra, ou mesmo diziam-na em português, para que a conversa continuasse fluindo. E assim, durante minha mediação, eu colocava este novo vocabulário, de forma natural. Isto corrobora com Monte Mór (2020, p. 12) no sentido de que

[...] as atividades têm o potencial de levar os aprendizes a reflexões sobre outros contextos, pessoas, culturas, etc, assim contribuindo com a ampliação das formas de ver o mundo dos alunos, o desenvolvimento da habilidade de construção de sentidos, com a percepção e reflexão do aluno sobre o seu lugar e agência na sociedade.

Quando refletimos sobre o conceito de agência, pensamos em modelo de conjunto, ou seja, é o reflexo das práticas sociais em que o aluno está. Quando passamos a palavra ao estudante, percebemos de onde ele é, qual é sua comunidade e como essas experiências podem contribuir para as vivências dos outros. Na situação da minha aula, a aluna turista na França gerou, com suas práticas sociais, um novo olhar para os colegas que começaram a refletir sobre os conceitos que tinham construído em relação àquele país estrangeiro.

Outro aspecto importante é o de autoria, pois estamos além da reprodução do conhecimento de professor para aprendizes. Os alunos tornaram-se autores e trouxeram suas vivências para serem partilhadas e, conseqüentemente, criando novos sentidos e novos aprendizados.

Entendemos que a percepção muda de acordo com a vivência de cada um. A construção de sentido foi se constituindo a partir da experiência e assim provocando a expansão de perspectivas que Monte Mór (2020) traz em três âmbitos: individual, comunitária e global.

Partindo desse pressuposto, os integrantes da conversação on-line possuem meios e grupos sociais diferentes, e quando a aluna X era questionada sobre sua opinião em relação à



França, o que ela gostava ou não de fazer, gostos alimentares, etc, é possível perceber a perspectiva pessoal (individual):

esses procedimentos são identificados como aqueles voltados para situações ‘eu-você’ em que as formulações pessoais circulam entre os integrantes do grupo na obtenção e troca de informações e pontos de vista pessoais. (MONTE MÓR, 2020, p. 12).

A partir do momento em que a mãe da aluna X participa da conversa, é possível perceber outra visão, ou grupo social. Agora não se trata mais de uma adolescente do ensino médio, mas sim uma mulher, mãe, com mais experiências vividas e novos olhares e novos saberes. Ao participar da conversa, outras análises são feitas. Ela faz relatos sobre roubos na França e no Brasil, faz comparações entre França e Estados Unidos e neste item é possível perceber a perspectiva comunitária pois,

o foco se amplia do individual para o comunitário de forma mais explícita, de forma a fornecer mais parâmetros [...] que venham a ampliar a perspectiva dos alunos com respeito aos outros integrantes de seu grupo ou coletividades sociais, tais como faixa etária, sexo, classe econômica, profissão, bairro, nação, etc. (MONTE MÓR, 2020, p 13).

E por fim, encontramos o que Monte Mór (2020, p. 13) considera perspectiva global, sendo que “com essa perspectiva, o aluno poderá refletir sobre semelhanças e diferenças e sobre a interação local/global entre grupos de várias culturas e nações”. A partir desta aula, os alunos puderam modificar seus conceitos, (re)pensar suas visões sobre a cultura brasileira, relacionando-a com a europeia, de modo geral, eles expandiram seus conhecimentos e refletiram sobre eles.

Neste processo, percebemos que o *meaning making*, ou seja, a construção de sentido, se fez presente. De acordo com Monte Mór (2020, p. 8) “trata-se de um procedimento que envolve reflexão, ação e crítica”. Os cinco alunos que participavam da aula de conversação on-line e eu, professora, tivemos a oportunidade de construir novos saberes, a partir da vivência do outro, pois ao se tratar de um momento síncrono, foi possível entender e refletir sobre o que sabíamos daquele país estrangeiro e o que era uma novidade para nós. Assim, ampliamos nossos saberes, não só culturais, mas também linguísticos, tendo em vista que durante toda a aula, foi utilizada a língua inglesa por todos os envolvidos.



Essa aula só foi realizável, pois todos os integrantes neste encontro virtual são conhecedores de letramentos digitais e dominavam a ferramenta utilizada para o encontro, o *Google Meet*.

O letramento digital pode reconfigurar o ensino, pois com ele, é possível proporcionar diversos olhares, repensar aproximações que não eram necessárias antes do período pandêmico. Sem outras opções, professores e alunos desenvolveram novos letramentos e desenvolveram a comunicação por meios não tão corriqueiros, mas que transformaram o papel do professor e a forma como o aluno aprende, descentralizando a ideia de que o docente é sabedor total do conhecimento e que o aluno também pode e deve ser protagonista do seu aprendizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs a análise sobre uma aula on-line de conversação em inglês e os benefícios do letramento digital no período das aulas remotas e agora no retorno às aulas presenciais.

Os anos de aulas remotas foram desafiadores e aceleraram o processo de uso das tecnologias nas escolas, embora fosse um assunto muito discutido, não era completamente utilizando na prática. Docentes e discentes se desdobraaram para aprender a manusear novas ferramentas e desbravar os letramentos digitais, mesmo sem ouvir falar sobre esta nomenclatura. Assim, percebermos que se não tivéssemos vivido essa onda tecnológica nos anos de 2020 e 2021, certamente demoraríamos alguns anos para entender o funcionamento e os benefícios das aulas on-line e também de algumas plataformas digitais que proporcionam interações síncronas e assíncronas com tamanha riqueza de culturas e identidades.

O mundo mudou e o ensino e aprendizagem continuam enfrentando os desafios e se renovando. Com relação à pergunta que fiz no início do artigo, após as reflexões sobre esta experiência, percebo que os docentes estão preparados para utilizar recursos digitais para ampliar os letramentos dos alunos. Porém, não cabe apenas a este profissional, pois muitas questões ainda devem ser observadas, como por exemplo, o acesso de recursos tecnológicos nos ambientes escolares. Entretanto, este não pode ser um empecilho para o desenvolvimento dos letramentos digitais. É preciso ressignificar o espaço da sala de aula. Ao realizar as aulas



de conversação on-line, estamos ampliando o ambiente, renovando velhas práticas e ao mesmo tempo, aprendendo novas culturas, conhecendo identidades, (re)construindo sentidos e, conseqüentemente expandindo perspectivas, não só dos alunos, mas também, as minhas enquanto professora.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, Michely Gomes; FREITAS, Carla Conti de. (Re)pensando as práticas de linguagem em tempos digitais. In: FREITAS, Carla Conti de; BROSSI, Giuliana Castro; ROSA DA-SILVA, Valéria. **Políticas e formação de professores/as de línguas**. Anápolis: Editora da UEG, 2020. p. 59-68.

FERRAZ, Daniel de Mello. Multiletramentos: epistemologias, ontologias ou pedagogias? Ou tudo isso ao mesmo tempo? In: GUALBERTO, Clarice Lage; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; SANTOS, Záira Bomfante dos. **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 63-87.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 51-68.

MONTE MÓR, Walkyria. Sociedade da Escrita e Sociedade Digital: Línguas e Linguagens em Revisão. In: TAKAKI, Nara; MONTE MOR, Walkyria (orgs). **Construções de Sentido e Letramento Digital Crítico na Área de Línguas/Linguagens**. Campinas: Ed. Pontes, 2017, p 267-286.

MONTE MOR, Walkyria. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. In: JORDÃO, Clarissa Menezes; MARTINEZ, Juliana Zeggio. MONTE MOR, Walkyria (orgs.). **Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês**. Campinas, SP: Pontes editores, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SIGNORINI, Inês. Por que falar de letramentos em tempos de ensino remoto? ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; FLUCKIGER, Cédric. **Efeitos da Covid-19 em práticas letradas acadêmicas: práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo**. Volume 4. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. p. 59-86.